

Da mística à ciência

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajan Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

ALEXANDRE KOYRÉ

Da mística à ciência



Cursos, conferências e documentos,
1922-1962

Nova edição revista e ampliada por
Pietro Redondi

Tradução
Thomaz Kawauche



editora
unesp

Título original: *De la mystique à la Science:
Cours, conférences et documents, 1922-1962.*

(Nouvelle édition revue et augmentée par Pietro Redondi)

© 2016 Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, Paris

© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

K88m Koyré, Alexandre

Da mística à ciência: Cursos, conferências e documentos, 1922-1962 / Alexandre Koyré; traduzido por Thomaz Kawauche. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *De la mystique à la Science: Cours, conférences et documents, 1922-1962*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-251-9

1. Filosofia. 2. Filosofia da ciência. 3. Epistemologia. 4. Pensamento mágico. 5. Desencantamento do mundo. 6. Ciências duras. 7. Arqueologia. 8. Genealogia do saber. 9. História da ciência. 10. Teologia. 11. Pensamento científico. I. Kawauche, Thomaz. II. Título.

2024-2783

CDD 100

CDU I

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Sumário

Agradecimentos . 9

Introdução à nova edição: Da filosofia aos
sistemas de pensamento . 11

Alexandre Koyré em seu tempo . 31

I. 1922-1930: Misticismo e cosmologia . 59

Nota . 59

Documentos . 65

Documento n.1 . 65

Documentos n.2, n.2a e n.2b . 85

Documento n.3 . 86

Relatórios de ensino . 87

1921-1922 . 88

1923-1924 . 89

1924-1925 . 90

1925-1926 . 91

1926-1927 . 94

1927-1928 . 96

1928-1929 . 99

1929-1930 . 101

2. 1931-1939: História das ideias religiosas na Europa moderna . 105

Nota . 105

Documentos . 114

Documento n.4 . 114

Documento n.5 . 116

Relatórios de ensino . 119

1931-1932 . 119

1932-1933 . 120

1933-1934 . 122

1934-1935 . 123

1935-1936 . 129

1936-1937 . 136

1937-1938 . 137

1938-1939 . 139

1939-1940 . 143

3. 1943-1945: Revoluções na história do pensamento . 145

Nota . 145

Documentos . 150

Documento n.6 . 150

Documento n.7 . 151

Documento n.8 . 152

Documento n.9 . 154

Documento n.10 . 157

Documento n.11 . 159

Relatórios de ensino . 161

1942-1943 . 161

1943-1944 . 162

1944-1945 . 212

4. 1946-1962: História das ideias religiosas e do pensamento científico . 239

Nota . 239

Documentos .	253
Documento n.12 .	253
Documento n.13 .	254
Documentos n.14 e n.14a .	254
Documento n.15 .	257
Documento n.16 .	261
Documento n.17 .	268
Documento n.18 .	274
Documento n.19 .	275
Documento n.20 .	276
Documento n.21 .	280
Documento n.22 .	281
Relatórios de ensino .	284
1945-1946 .	284
1946-1947 .	287
1947-1948 .	292
1948-1949 .	295
1949-1950 .	301
1950-1951 .	308
1951-1952 .	312
1952-1953 .	316
1953-1954 .	320
1954-1955 .	321
1955-1956 .	323
1956-1957 .	329
1957-1958 .	331
1958-1959 .	336
1959-1960 .	336
1960-1961 .	337
1961-1962 .	345

5. Teologia e ciência. Duas conferências inéditas .	353
Nota .	353

Documentos . 357

Documento n.23 . 357

Documento n.24 . 386

Fontes e bibliografia . 413

Fontes de arquivos . 413

Bibliografia de Alexandre Koyré . 415

Bibliografia secundária . 425

Índice onomástico . 441

Agradecimentos

Sandrine Bula (Archives Nationales), Gisèle Cloarec, Christine Delangle (Archives du Collège de France), Alice Doissellet e Océane Valencia (Archives de l'École Pratique des Hautes Études – Ephe), Brigitte Mazon (Archives de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales – Ehess), Séverine Montigny (Bibliothèque Historique de la Ville de Paris), Michèle Moulin (Bibliothèque de l'Institut de France), Nathalie Queyroux (Centre d'Archives en Philosophie, Histoire et Édition des Sciences – Caphés), Antonella Romano e Anabel Vazquel (Centre Alexandre-Koyré), Jacques Berchon (Serviço comum da documentação das bibliotecas e dos arquivos da Ephe) e Jean-François Vincent (Bibliothèque Interuniversitaire de Santé) encontrarão aqui a expressão de nosso reconhecimento por sua colaboração. Um agradecimento especial a Jacques Revel e Emmanuel Désveaux (Ehess) e Emmanuelle Aussaguès (Éditions de l'Ehess).

Introdução à nova edição: Da filosofia aos sistemas de pensamento

A publicação desta coletânea de cursos e seminários de Alexandre Koyré (1892-1964), aqui apresentada em nova edição revista e ampliada, remonta a 1987. Ela foi lançada na ocasião de um grande colóquio internacional intitulado Ciência: O Renascimento de uma História, organizado no ano de 1986 em homenagem a Koyré pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess).¹

Desde então, outros colóquios, outros livros e novas pesquisas alimentaram a reflexão sobre esse autor universalmente reconhecido como o historiador das ciências mais inovador e influente de seu século.² Tamanha riqueza de análises – bem como de críticas – em torno das interpretações apresentadas

1 Redondi (ed.), “Science: The Renaissance of a History”, em International Conference Alexandre Koyré, *Proceedings of...*

2 Entre os testemunhos mais recentes acerca do papel central que a obra de Koyré ainda hoje desempenha e, em particular, sobre sua definição de “revolução científica moderna”, ver os artigos de Antonella Romano, “Fabriquer l’histoire des sciences modernes”; e de Simon

por Koyré em seus livros sobre o nascimento da ciência moderna tornam mais atual do que nunca o conhecimento do seu ensino. Esta coletânea nos conduz a isso pelo itinerário e pelas passagens essenciais.

Mais do que a caracterização de “revolução científica moderna”, até agora insuficientemente explorada, o legado fundamental deixado pelos seminários de pesquisa aqui reunidos diz respeito ao esforço em compreender, e não apenas explicar, os saberes científicos do passado mediante a apreensão das significações que poderiam ter sido pensadas por seus contemporâneos. Tal esforço de esquecimento de nossas verdades atuais para reconstituir as condições de possibilidade de concepções de mundo diferentes das nossas é o que fez e até hoje continua a fazer de Alexandre Koyré um “historiador revolucionário do pensamento científico”, como o designa Georges Canguilhem.³

De nossa parte, para compreender o que tornou possível essa revolução metodológica na história das ciências, devemos ouvir os testemunhos contemporâneos sobre o ensino de Koyré. Os alunos de seus seminários de história do pensamento científico fizeram chegar a nós lembranças em pequeno número de relatos, todos atestando que descobriram nos seminários um tipo de pesquisa histórica diferente das demais:

Éramos cinco, ou seis, em casos excepcionais, e seguíamos regularmente suas aulas. Tenho certeza de que ele representou para todos

Schaffer, “Les Cérémonies de la mesure”, ambos em *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, v.70, n.2, 2015.

3 Canguilhem, “Préface”, em Redondi (ed.), “Science: The Renaissance of a History”, op. cit., p.9.

o exemplo encarnado daquilo que deveria ser um sábio e um homem que consagra sua vida ao conhecimento. Não direi aqui o que foram os seminários ao longo dos quais permitimo-nos ficar fascinados pela exploração de um texto difícil e pela revelação dos vínculos íntimos entre obras que, à primeira vista, pareciam díspares. Saíamos purificados e esclarecidos desses festejos de erudição e de análise. Semana após semana, ano após ano, desdobrava-se um pensamento que estava destinado a nos marcar, e cuja riqueza não se encontra inteiramente nos seus livros.⁴

É nesses termos que Serge Moscovici evoca os seminários de História do Pensamento Científico que, em 1954, Alexandre Koyré inaugurou em Paris com a 6ª seção da École Pratique des Hautes Études (Ephe), a nova seção de Ciências Econômicas e Sociais criada por Lucien Febvre. Ao mesmo tempo, Koyré continuou o seu seminário sobre História das Ideias Religiosas na Europa Moderna, que realizava desde a década de 1930 na 5ª seção, a de Ciências da Religião da Ephe. Longe de divergirem, esses dois cursos prosseguiram em paralelo: um analisando a gênese dos princípios da física cartesiana e a de Newton, o outro explorando as ideias religiosas de Newton e Leibniz e as questões teológicas da sua controvérsia.

Alguns aspectos do testemunho de Moscovici merecem destaque. Em primeiro lugar, o número muito reduzido de ouvintes no exato momento em que o seminário de Koyré incluía pela primeira vez a história da ciência entre as disciplinas ministradas na Ephe. Mais curioso ainda é que, segundo as listas de

4 Moscovici, “Est-ce qu’il y a des contre-révolutions scientifiques?”, em Redondi (ed.), “Science: The Renaissance of a History”, op. cit., p.543.

alunos publicadas nos *Anuários* da École, não houve migração de ouvintes entre os dois seminários que Koyré realizou em Paris.

Podemos notar também a imagem que Koyré atribuiu a si mesmo perante o público: a de orientador de leituras. O seu ensino surge inteiramente centrado na análise conceitual e intertextual das obras. Para ele, não havia interesse na biografia de um autor, mesmo que fosse um sábio, pois o que importava era apenas a obra, ou melhor, um *corpus* de obras contemporâneas, no qual a terminologia, as noções e os símbolos evidenciassem relações surpreendentes e aparentemente misteriosas entre áreas distintas do conhecimento.

A reflexão mais interessante de Moscovici reside na sua lacônica constatação da riqueza dos seminários de Koyré: uma riqueza que se encontrava apenas parcialmente em seus livros. É certo que a obra publicada de Koyré, desde a sua tese sobre *A filosofia de Jacob Boehme* até a coletânea póstuma dos seus *Estudos newtonianos*, foi desenvolvida antecipadamente no âmbito de seus seminários parisienses sobre a História das Ideias Religiosas na Europa Moderna, bem como em universidades americanas, que o convidavam com regularidade após a Segunda Guerra Mundial. Mas em que consistia exatamente a elevada riqueza de seu ensino? Temos outras duas lembranças pessoais, mais eloquentes quanto ao conteúdo de seus seminários.⁵ I. Bernard Cohen, um de seus alunos norte-americanos, especificou:

5 Além dos testemunhos citados, as atas do colóquio Koyré de 1986 oferecem lembranças sobre Alexandre Koyré por parte de Georges Canguilhem, René Taton, Pierre Costabel, John Murdoch e Roger Hahn; ver Redondi (ed.), “Science: The Renaissance of a History”, op. cit., p.8, p.46 ss., p.72, p.338 ss., e p.402 ss.

[Koyré] nos ensinou a examinar as ideias científicas em relação à matriz do pensamento religioso e filosófico em que elas se enraizavam. [...] Ele explicou que a inteligibilidade do desenvolvimento do pensamento científico exigia que nos voltássemos para personagens menores, em vez de limitar a nossa atenção aos titãs: os Newton, os Darwin, os Einstein. Essas grandes figuras só poderiam ser plenamente compreendidas sob a condição de compreendermos o pensamento de estudiosos contemporâneos mais “ordinários”. [...] Ele nos ensinou a tentar compreender quantas dessas figuras visavam solucionar problemas de acordo com seus próprios sistemas de ideias e com a filosofia considerada verdadeira em sua época, em vez de classificar seus escritos à maneira de um professor, de acordo com a sua conformidade com a ciência considerada hoje como “verdadeira”.⁶

Outra testemunha, comentando um seminário proferido por Koyré na Universidade de Wisconsin em 1953-1954, enfatizou:

Os elementos mais importantes de sua técnica, tal como os vimos em ação em 1953, eram facilmente reconhecíveis, mas, infelizmente, difíceis de imitar sem a erudição e o talento que eram só dele: 1) um notável instinto para reconhecer problemas frutíferos e conceitos enterrados em uma complexa matriz filosófica e científica; 2) uma leitura atenta dos textos visando compreender como este ou aquele autor concordava ou discordava de seus antecessores e de seus contemporâneos na maneira de formular esses conceitos; e 3) uma perspectiva

6 Cohen, “Koyré in America”, em Redondi (ed.), “Science: The Renaissance of a History”, op. cit., p.55-70, em particular p.56.

histórica bem refinada, permitindo que as questões fossem consideradas nos termos e no espírito com que haviam sido formuladas.⁷

Esses testemunhos atestam a convicção de ter-se assistido, através da escuta das aulas de Koyré, ao advento de uma história da ciência de um gênero inteiramente novo. Uma reconstrução do entrelaçamento de conceitos e linguagens pertencentes a saberes distintos: em vez de uma representação do passado compartimentada em disciplinas, uma análise sem qualquer fronteira previamente ditada por um critério de demarcação entre o que, aos nossos olhos modernos, pertence à ciência e o que definimos como não científico. Uma exegese dos textos originais destinada a compreender o que era pensável numa cultura diferente da nossa, em vez de um relato retrospectivo do que consideramos ser cientificamente verdadeiro hoje. Um esforço meticuloso para tornar inteligíveis doutrinas esquecidas, errôneas e ultrapassadas, em vez de uma história da ciência “modernista” à maneira de Gaston Bachelard,⁸ ou uma história politicamente militante, à maneira de John D. Bernal, também muito popular na década de 1950.⁹

Em suma, durante os seminários, os seus raros alunos aprenderam a compreender as teorias científicas e os autores do passado em relação ao mundo de outrem, e não em relação a nós, ao nosso presente. E, muito provavelmente, esse excedente de riqueza que o seu ensino oral parecia possuir em comparação

7 Clagett; Cohen, “Alexandre Koyré (1892-1964): commémoration”, *Isis*, v.57, n.2, p.165 ss., 1966.

8 Ver Bachelard, *L'Actualité de l'histoire des sciences* (1951), reed. em *L'Engagement rationaliste*, p.141.

9 Ver o monumental *best-seller* de John D. Bernal, *Science in History*.

com os seus livros deve ter se situado precisamente ao nível do método. Muito mais do que em seus livros, que se concentravam em grandes autores, em seus seminários aprendia-se que a ciência não era uma verdade em si, mas, isto sim, que era deste mundo e participava inteiramente da sua natureza.

É fato que, nas obras publicadas de Koyré, as reflexões de valor metodológico geral sobre a profissão de historiador raramente aparecem, ou, então, ficam confinadas às notas de rodapé. Muitas vezes, estas trazem observações críticas relativas às simplificações ou esquematizações específicas da historiografia positivista ou marxista que então dominaram a representação do passado científico. Entre seus artigos ou conferências, aqueles que tematizam explícita e especificamente o que significava para ele seu critério metodológico da “unidade de pensamento em suas formas mais elevadas”, bem como sua aplicação, limitam-se, por um lado, à sua conferência de 1954, em Boston, intitulada “Influência das tendências filosóficas na formulação de teorias científicas”, e, por outro lado, ao seu programa denominado “Orientações de pesquisa e projetos de ensino”, escrito em 1951, quando defendeu a criação de uma cátedra de História do Pensamento Científico no Collège de France.¹⁰

As páginas seguintes pretendem reunir todos os documentos do ensino de Alexandre Koyré que chegaram até nós ou, pelo menos, todos aqueles que pudemos encontrar. Dado que, ao longo da sua carreira de historiador do pensamento religioso

10 Encontraremos mais adiante a versão integral desse importante texto, bem como uma série de documentos que ajudam a esclarecer as circunstâncias desse projeto de renovação da história da ciência na França proposto por Koyré; ver *infra*, “Documento n.16”.

e científico, a pesquisa e o ensino estiveram para ele unidos de forma indissolúvel, esperamos que este dossiê possa representar um complemento útil para melhor compreender o autor e, especialmente, o percurso intelectual que lhe permitiu tornar-se o historiador da ciência mais original do século XX.

Demos a esta coletânea o título *Da mística à ciência* por acreditarmos encontrar nessa passagem a chave para a transformação da disciplina realizada por Koyré, que ele próprio declarou ter sido, desde o início de sua pesquisa, cada vez mais inspirada pela noção de “unidade de pensamento”, destinada a se tornar com o tempo a categoria mais característica de sua pesquisa.

Esse caráter único de Koyré em relação a todos os outros historiadores da ciência do século XX deve-se, em primeiro lugar, ao fato de ele ter abordado o estudo da ciência do passado não a partir da ciência atual, ou da filosofia da ciência, mas a partir da história do pensamento religioso. Sabemos que Koyré, após ter sido aluno de Edmund Husserl, Adolf Reinach e David Hilbert na Universidade de Göttingen, tomou rumo, decidindo-se a ir a Paris e especializar-se em história da filosofia religiosa medieval e moderna, tendo François Picavet e Étienne Gilson como mestres na Ephe.

O que, sobretudo, o fascinou na cultura parisiense foi, sem dúvida, a existência dessa instituição de ensino superior única no mundo, a Ephe, dedicada à formação de escritores de tese e tão adaptada à sua mente analítica, bem como à sua necessidade de se sentir livre. Sobre esse estabelecimento, onde se formou em História das Ideias e onde lecionou durante quarenta anos, ele disse num artigo publicado em 1931 no *Deutsch-französische Rundschau*:

Ali, a ênfase principal não está nos resultados, mas nos métodos, não nas conclusões, mas na técnica de pesquisa. O objetivo que a Escola se propõe é, em primeiro lugar, preparar os trabalhadores científicos de amanhã e garantir a sua formação prática e técnica. [...] O que caracteriza a École des Hautes Études é a liberdade que reina em sua vida e em sua estrutura. Já mencionamos que ela faz questão de ignorar programas e exames; mas também é preciso sublinhar que está aberta a todos, sem restrições. [...] As cátedras são completamente independentes umas das outras; nada de currículo; os alunos têm total liberdade na escolha dos cursos que desejam acompanhar. [...] Todas estas particularidades que conferem à École des Hautes Études a sua fisionomia notável são facilmente compreendidas se não perdermos de vista o sentido e a finalidade da Escola: a sua tarefa é servir à ciência, a ciência em curso, e não a ciência estabelecida. Pois a ciência precisa de liberdade.¹¹

Se a forma de ensino específica da Ephe foi para Koyré a grande responsável pelo desejo de prosseguir pesquisas de novo tipo transdisciplinar, uma condição determinante para a sua realização foi a escolha por dedicar a sua tese a um tema tão antiquado como “a obra obscura, desigual e confusa”¹² de Jacob Boehme, o teósofo luterano contemporâneo de Kepler e Galileu, considerado um dos mais inescrutáveis autores do misticismo alemão no final do Renascimento e que, no entanto, beneficiou-se de uma influência muito grande sobre a cultura filosófico-científica do século XVII, de Comenius a Henry More e Newton, até o idealismo moderno, de Novalis a Fichte e Hegel.

11 Koyré, 1931e [“L’École Pratique des Hautes Études”], e da trad. francesa *infra*, “Documento n.1”.

12 Id., 1929a [La Philosophie de Jacob Boehme] (aqui 2.ed., 1971, p.vii).

É, portanto, através da mística especulativa de Boehme que o ensino de Koyré decolou em 1922 na 5ª seção da Ephe. E, desde o início, esse assunto levanta a questão das origens da ciência moderna, uma vez que a metafísica de Boehme foi diretamente inspirada na filosofia alquímica de Paracelso, bem como na reforma astronômica de Copérnico. “Os elementos das doutrinas mágicas e a terminologia alquimista de Boehme obrigaram-nos a procurar a origem e as explicações nas teorias de Paracelso.”¹³ No teosofista de Görlitz, em particular, a concepção alegórica da união entre o homem e o ser divino são modelados no princípio metafísico de correspondência entre o microcosmo humano e o macrocosmo celestial, uma correspondência na qual a filosofia alquímica paracelsiana se baseou. Mais ainda, Koyré também descobre que “a mística de Boehme é, a rigor, incompreensível se não houver referência à nova cosmologia criada por Copérnico”.¹⁴ A identificação de Deus com o Sol, que estava destinada a tornar-se no século XVII um *tópos* da mística cristã tanto em Boehme como no espiritismo católico do cardeal de Bérulle, foi influenciada pelo misticismo pitagórico de Copérnico e Kepler, cujo heliocentrismo revelou-se uma doutrina que era ao mesmo tempo astronômica e metafísica:

Um estudo aprofundado do *De Revolutionibus* mostrou-nos que, independentemente do que tenha sido dito, Copérnico não tem a menor ideia da relatividade (*física*) do movimento, nem da lei da inércia. [...] O Sol não está no centro dos orbes planetários, mas no centro do mundo, e a razão pela qual Copérnico o coloca ali não é uma

13 *Infra*, “Relatórios de ensino, 1921-1922”.

14 *Infra*, “Documento n.16”.